

Lino de Albergaria

Maria Poliana

Ilustrações
Denise Rochael



5ª edição
Conforme a nova ortografia

Formato

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Albergaria, Lino de, 1950 –
Maria Poliana/Lino de Albergaria;
ilustrações Denise Rochael – 5. ed.
– São Paulo: Formato Editorial, 2004.

ISBN 978-85-7208-182-5

1. Literatura infantojuvenil. I. Rochael, Denise.
- II. Título.

97-2239

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

11ª tiragem, 2018

*Para Eleanor H. Porter,
ainda assim.*

SUMÁRIO

Ausente!	5
Velhas histórias	7
Roupa suja	9
Olhos verdes.....	10
Olhares.....	14
Melhor ou pior.....	15
O bilhete	17
O telefonema	20
A traição.....	22
O pesadelo.....	24
Uma surpresa.....	26
Uma sugestão	28
Mulheres.....	31
Aprendendo o segredo	33
O jogo do contente	36
Doce demais	38
Mudança de planos	40
Parentes.....	41
Irmãos	44
Não era bem assim.....	45
<i>Banana split</i>	47
O dinheiro do Júnior.....	48

História para ninar o Júnior	51
A única opção	53
Atravessando a noite	55
O milagre de Pollyana	56
Aterrissando	58
A mão de Jonas	61
O livro que eu li	62
A outra história	64
<i>Pollyana Moça</i>	65
Contente!	67
Depois do sinal	69

Ausente!

Sozinha na classe, ela olhava pela janela sem ver o pátio vazio. Os últimos alunos tinham acabado de sair. Começava a ficar escuro ali dentro. Então ela sentiu que não precisava mais segurar e soltou o choro.

Ninguém podia ver que Ana chorava. Só ela escutava seus soluços. Só ela sabia de sua raiva.

Naquela mesma tarde, havia menos de uma hora, a nova professora iniciara a chamada. Na letra “M”, repetiu três vezes:

– Maria Poliana... Maria Poliana... Não está, Maria Poliana?

Outros alunos apontavam para ela.

– Está bem ali, professora.

– Ela não gosta do nome.

Então a professorinha olhou bem em sua direção e repetiu:

– Maria Poliana...

Foi quando olhou dentro dos olhos da outra e falou quase gritando:

– Meu nome é Ana!

– Maria Poliana, ausente. Renata...

Tentou protestar, mas Renata já tinha respondido “presente” e a tal dona Cláudia prosseguia a chamada. Ouviu risos por trás.



Normalmente se viraria para tomar satisfação, mas, inexplicavelmente, ficou quieta.

Era verdade que Maria Poliana não existia. Mas Ana estava ali, sempre esteve. Os professores antigos tinham se acostumado. Não diziam o nome detestado, a chamavam de Ana. Agora essa novata, essa professorinha de Português vinha tirar sarro da cara dela, sem mais nem menos.

Evidentemente, Ana não prestou nenhuma atenção à aula e olhava com raiva para cada colega que entrava na de dona Cláudia, dando palpite, respondendo às perguntas.

“Fui abandonada”, pensou. Não via ninguém do seu lado. Parecia que ninguém tinha se incomodado com a sacanagem feita contra ela. Pelo contrário, até riram. Pena que não viu quem foi. Vontade de quebrar a cara da turma inteira. A primeira a merecer porrada era a Renata, a primeira a entrar na da professorinha.

Cláudia. Até que tinha um nome bonito, ou, pelo menos, normal. Mas era uma mulatinha empertigada. Mulatinha, sim. Cabelo ruim, a pele quase marrom. Com o maior jeito de empregada e ali, na frente, na maior pose, ditando regra.

“Essa regra não vai pegar! Ela não vai decretar que eu me chamo Maria Poliana!”, Ana jurou, dentro do seu silêncio. Distraiu-se da mágoa, observando como a outra era feia. Braços finos, pernas finas e aqueles óculos tão fora de moda, com as lentes grossas que aumentavam o tamanho dos olhos de um jeito que eles pareciam querer pular pra fora da cara.

Quando deu o sinal, não saiu do lugar. Esperou que alguém viesse falar com ela. Com certeza, alguém tinha percebido a sacanagem. E iam poder comentar o atrevimento daquela negrinha brega. Ana ia querer combinar com a turma algum tipo de boicote. Ah, iam fazer a maior zona, não deixar mais a professorinha comandar a situação!

Ninguém veio. Todos saíram normalmente, e ela ficou ali sozinha, sem acreditar. Quer dizer que a Cláudia tinha conseguido? De repente, ela não existia, a menos... a menos que se transformasse na detestada Maria Poliana?

Velhas histórias

O caminho de volta para casa foi devagar demais. O tempo de ir remoendo a mágoa. O que a professora fez foi mexer com lembranças nada agradáveis.

– Maria Poliana, Maria Persiana...

Eram as vozes de antigos vizinhos, crianças como ela aos quatro anos, rindo de seu nome.

– Eu não sou Maria Persiana!

E teve de brigar, levar e dar mordidas, chorar, sim, mas segurando na mão fechada pedaços de cabelos arrancados do inimigo.

Mais tarde, já na escola, uma piada. A professora falando da vacina contra pólio. Até esse dia, era uma professora joia, a tia Luísa. Várias vezes, Ana tinha levado para ela uma flor, um bombom. Mas um menino chamado Artur estragou tudo:

– Essa vacina é contra a Poliana, tia?

As risadas, de todos os lados. Ela estourou no ato. Mandou nele um palavrão. Tia Luísa achou o cúmulo aquele nome na boca de uma menina e a colocou de castigo. Só ela, o Artur não. Ana não esqueceu. Nunca mais levou bombom pra tia nenhuma.

Ainda bem que tinha mudado de escola. Da antiga, tinha outra lembrança que também incomodava. Na quarta série, ficou tão amiga da Luana... Luana era legal, emprestava para ela suas

borrachas perfumadas, suas canetinhas coreanas. Um dia, foi estudar na casa da colega. A mãe da menina até que era simpática. Mas quando viu o pai, estremeceu. O pai da Luana era o homem mais bonito que ela já tinha visto. Teve de admitir que era muito mais bonito que o Sérgio, seu próprio pai.

O nome do pai da Luana ela nunca soube. Ninguém lhe disse. Naquele dia, entendeu por que a Zélia, sua mãe, costumava dizer: “Quem vê cara não vê coração”...

Aquele que um minuto atrás parecia um artista de novela, de olho azul, da mesma cor da camisa, virou-se para o lado dela e falou:

– O quê? Não acredito!

Tinha sido apresentada a ele. Luana acabara de falar:

– Pai, essa é a Maria Poliana.

Não, ele não riu. Mas olhou. Olhar também zomba. Mesmo olhos azuis, da mesma cor da camisa. Ele não acreditava que alguém pudesse ter um nome tão ridículo.

Foi a tarde mais longa de sua vida. Ter de ficar naquela casa até a hora da mãe vir buscar. A raiva, a humilhação só passaram quando num certo momento a Lu (esse era o apelido da Luana) resolveu lhe mostrar uma borrachinha nova:

– É feia, né? – falou. E arrematou: – Todo camelô tem dessa.

Perdeu a amiga. E até gostava da Lu. Mas não sentiu mais inveja das canetas importadas nem do pai bonitão da garota. Só invejava uma coisa: o apelido.

Foi quando começou a dar um jeito de ser chamada de Ana. Às vezes, pedindo com dengo. Outras, com raiva.

Tinha custado muito se livrar do nome. E não queria, não queria mesmo, recordar aquelas velhas histórias. Mas a nojentinha da Cláudia tinha conseguido.

Ana começou a andar depressa. Porque não queria reviver mais